



DIA DO ILCH

PRESIDENTE REALÇA AS “COISAS BOAS DE UM ANO PÉSSIMO”

No 45º Aniversário do ILCH, a 17 de dezembro, Isabel Ermida começou por assinalar as muitas dificuldades que o “annus horribilis” de 2020 trouxe à Escola e à Universidade, entre as quais paralisção, incerteza e desmotivação. Todavia, fez notar que a experiência do confinamento trouxe também coisas positivas. Por exemplo, revelou a flexibilidade, o poder de adaptação e a capacidade de superação de toda a comunidade do ILCH face às difíceis condições de trabalho e aos desafios do ensino e da investigação à distância. Dando destaque ao diálogo e à concertação entre todas as Escolas e a Reitoria, louvou também os colegas que assumiram cargos de gestão pedagógica e académica nesta “tormenta”, num esforço conjunto por “manter viva e unida a Universidade”. Agora, concluiu, é tempo de olhar 2021 com confiança. [\[VÍDEO\]](#)



REITOR PREVÊ “MAIS ALTOS VOOS” PARA O ILCH

Rui Vieira de Castro afirmou que o ILCH possui “uma oferta educativa diversa, completa e com importantes elementos de renovação”, “resultados cada vez mais sólidos no recrutamento de estudantes”, “uma investigação sólida e reconhecida” e uma “interação com a comunidade assente em estruturas e projetos consolidados”. Em jeito de prognóstico avançou: “Estas quatro décadas e meia a criar conhecimento vão ter continuidade e vão ter condições de serem aprofundadas”. Concluiu, dizendo que o ILCH “permite aspirar a mais altos voos”. [\[VÍDEO\]](#)



CURSO DE CINEMA NO ILCH

Reforçando a tônica de otimismo que imprimiu à sua mensagem, Isabel Ermida referiu que “é em momentos de grande crise que surge um impulso igualmente grande de renascimento e renovação”. Neste sentido, exprimiu o desejo de “trazer mais uma arte, a sétima” para o leque de licenciaturas do ILCH, pretendendo fazer “uma proposta válida, com pernas para andar”. A isto, o Reitor respondeu, em entrevista à RUM, que “faz todo o sentido” as Escolas “projetarem novos projetos de ensino, procurando diversificar a sua oferta”. Mas foi lembrando que “depois, depende muito da forma como ela possa ser materializada”. [\[ARTIGO e VÍDEO\]](#)

PROPOSTA MUSICAL EXALTA LETRAS, ARTES E HUMANIDADES

Uma peça inédita, criada expressamente para celebrar a natureza humanista, literária, linguística e artística da nossa Escola, foi interpretada por alunos da Licenciatura em Música do ILCH e do Mestrado em Ensino da Música do IE, sob coordenação de José Tedim, Vice-Presidente da AAUM. A soprano convidada, Ana Paula Matos, cantou “Dia a Dia” ao som de um conjunto de cordas, constituído pelos alunos Francisco Madureira, Francisco Pinto, Mariana Fernandes e Afonso Madureira (no violino), Carlos Monteiro e Diana Ribeiro (na viola de arco) e Mariana Alte da Veiga (no violoncelo). [\[VÍDEO\]](#)



DEZ ALUNOS DECLAMAM POEMAS EM DEZ LÍNGUAS

Uma dezena de poemas em torno da definição de Arte Poética e do que significa ser poeta foi selecionada por docentes e diretores de curso ligados a dez das línguas ensinadas no ILCH. O resultado foi um conjunto de declamações, gravadas em vídeo em locais variados do campus de Gualtar, que ilustram a riqueza multilingue da nossa Escola e reafirmam a sua vocação orgulhosamente literária e multicultural.



ESTUDOS ORIENTAIS MARCADOS POR DANÇA CHINESA

“Ritmo e Melodia” [\[VER\]](#) foi o belíssimo número de dança que a aluna Liu Chang, do Mestrado em Estudos Interculturais Portugueses/Chinês, interpretou na cerimónia.



TEATRO ENCENA AS DEFINIÇÕES DOS OUTROS

Um excerto da peça “Dicionário”, de José Maria Vieira Mendes, foi interpretado pelos alunos de Teatro, sob encenação de Vítor Hugo Pontes [\[VER\]](#). Um aluno em palco interagiu virtualmente com diversos outros, em vídeo, numa crítica às opiniões e definições alheias que, como num dicionário, pressionam os indivíduos a corresponder a elas.



MESTRADO EUROPEU CLASSIFICADO COMO EXCELENTE



Espanha, Polónia, Itália, Hungria e, também, da África do Sul).

Avaliado anualmente pela Agência EACEA (*Education, Audiovisual and Culture Executive Agency*) da União Europeia, o relatório de progresso referente ao ano letivo 2019/2020 teve avaliação de 91/100. Assim, está de parabéns a Comissão de Curso, presidida por Idaete Dias (DEGE-ILCH), e integrada por Álvaro Iriarte (DEPL) e José João Almeida (DI – EENG), pelo excelente trabalho desenvolvido e pelo reconhecimento que a avaliação confere.

O Mestrado Europeu em Lexicografia (EMLex), a funcionar como Programa Erasmus Mundus de 2015 até 2024, é um mestrado internacional oferecido pelo ILCH em cooperação com diversas universidades estrangeiras (da Alemanha, França,

WORKSHOP SOBRE ENSINO DO PORTUGUÊS

Decorreu nos dias 7, 9 e 11 de dezembro o ‘workshop’ *online* promovido pelo grupo de Linguística Teórica e Experimental do CEHUM, sobre “Linguística e Ensino: Fábrica de Materiais Didáticos – Gramaticoteca”. A convidada, Eloisa Pilati, da Univ. de Brasília, contou com a presença de 101 participantes na plateia virtual, oriundos de seis países (Portugal, Brasil, Finlândia, Líbano, Espanha e Argentina). A organização esteve a cargo de M^a do Carmo Lourenço Gomes, investigadora do CEHUM.



OPINIÃO

No mês em que faleceu Eduardo Lourenço (1923-2020), figura maior do pensamento e das letras em Portugal, pedimos a dois professores e investigadores do ILCH que escrevessem uma brevíssima reflexão sobre o seu legado, do ponto de vista duplamente filosófico e literário.

SUJEITO E HETERODOXIA EM EDUARDO LOURENÇO

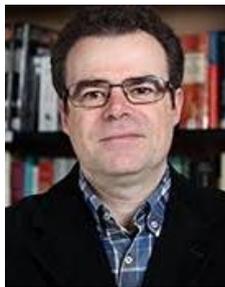
Por: Pedro Miguel Martins (Dep. Filosofia)

A obra de Eduardo Lourenço representa, à sua maneira, o melhor da tradição europeia ensaística: um género literário que, recusando sistemas e dogmatismos, envolve processos eminentemente pessoais, livres e interrogativos de articulação do pensamento e sua expressão. Ao invés de construir um sistema filosófico, importava, para o ensaísta, perscrutar o sentido dos acontecimentos da história (portuguesa) contemporânea, das suas diversas formas culturais e políticas, mas em especial dos seus mitos fundadores (saúde, império, nação, lusofonia, etc.).

Numa época de crescente especialização académica, o autor de *O Labirinto da Saudade* foi um dos poucos intelectuais cuja intervenção assumiu um sentido totalizante e não estritamente sectorial. Seria, assim, difícil classificar a sua obra numa única área científica das humanidades. Mas o que hoje seria encarado como uma fragilidade à luz de certos cânones académicos (ou administrativos) constituiu porventura uma das suas principais virtudes. Dir-se-ia que os seus cativantes ensaios resultam de “interseções” fecundas entre filosofia, cultura, análise literária, política, história, arte e mitologia. Nada do que é humano lhe é estranho. Ser português e/ou europeu – tema tão finamente explorado nos seus ensaios – era, aliás, um dos modos de ser humano e constitutivo da sua própria identidade.

Todavia, a marcante influência das filosofias existencialistas – sobre as quais escreveu, com profundidade, páginas antológicas (*Heterodoxia I* e *Heterodoxia II*) – permite compreender traços recorrentes nos seus escritos, tais como o estudo da literatura como meio expressivo por excelência de ideias filosóficas e o distanciamento crítico em relação às ortodoxias filosófico-ideológicas (marxismo, salazarismo, catolicismo, racionalismo, etc.). A expressão feliz de José Gil, “Ensaísmo Trágico”, faz justiça ao sentido agónico da obra de Eduardo Lourenço e ao contexto de desencantamento do mundo em que foi escrita. Nessa medida, correndo o risco de simplificar, sustentamos que o seu pensamento reflete o retorno da noção de sujeito, através da sua imagologia e dos seus dramas insuperáveis, embora, frequentemente, sob uma forma coletiva/construída/imaginada (Portugal).

O ensaísmo de Eduardo Lourenço pode ser considerado o mais marcante e original do nosso século XX. Mesmo algumas das suas interpretações e generalizações discutíveis – pelo seu teor potencialmente essencialista – são fecundas e valiosas heurísticamente, na medida em que constituem hipóteses falsificáveis pelos estudos sociológicos e históricos. O pensador nunca incorreu no impressionismo especulativo (por exemplo, em relação à “portugalidade”) e delimitou sempre, honestamente, o seu *corpus* de análise. Cremos que, doravante, será homenageado da melhor forma: através da leitura (fonte de prazer imediato, não apenas de ensinamentos) e da análise contextualizada, sistemática e aprofundada da sua obra.



EDUARDO LOURENÇO: TESTEMUNHO NO TEMPO

Por: Carlos Mendes de Sousa (DEPL)

Mesmo quando viveu no estrangeiro, Eduardo Lourenço nunca escreveu verdadeiramente de fora. A sua interrogação escrita passou sempre pela acutilante radiografia da realidade portuguesa. Escreveu sobre os vivos que o rodeavam e foi reafirmando mais ou menos discretamente que era na literatura que melhor se via a terra desolada. Começou por ser esse um modo de abrir janelas, na era da asfixia salazarista. Ficaram os seus textos, mas também, no pós-25 de Abril, as suas intervenções, em tantos lugares públicos. Nas televisões ou nos jornais, congressos, mesas-redondas, todos nós algum dia nos cruzámos com Eduardo Lourenço. A propósito de tudo, nasciam sínteses. *Flashes* que, de certa forma, davam conta do processo da formação do ensaio.

A sabedoria e a afabilidade não têm que andar de costas viradas. Essa foi uma das suas lições. Tenho feito pesquisas em vários arquivos de escritores. O caso de Eduardo Lourenço foi muito diferente, pela oportunidade rara que se me ofereceu de trabalhar de perto com o próprio autor, num plano de “Obras Completas” [vide imagem *infra*]. E, acima de tudo, pelo facto de esse trabalho ter sido marcado pela sua excepcional capacidade de ouvir o outro, com bonomia e um admirável sentido de humor.

O ensaísta quis dar um testemunho no tempo, marcado pela urgência do dizer, sentindo os dilaceramentos do devir histórico e cultural. Nesse caminho, fez-se acompanhar dos poetas, reflectiu com eles. No Eduardo Lourenço cronista do nosso tempo, português e universal, está profundamente inscrito o leitor de poesia. Quase tudo desagua nessa visão fundadora em que o real é criado pela palavra, em que o poético é mais real que o real. Numa entrevista, ao visitar *Tempo e Poesia*, afirmou que neste livro “a ideia da relação entre verdade e tempo não se desenvolve por mediação da filosofia propriamente dita, mas por mediação dos próprios poetas”. Vivendo por dentro o desassossego da modernidade, elegeu os poetas modernos para a sua leitura de eleição e acompanhou-os no desespero que vem do abandono a que os deuses nos votaram. Ao lado dos poetas ergueu também ele uma tapeçaria tão verdadeira quanto poética. Um lugar equipolente ao poema.

